

O SILÊNCIO NA BIBLIOTECA ESCOLAR: necessidade ou mito?*

MARIA OLINDA HORTA RAMALHO**

RESUMO: O silêncio nas bibliotecas escolares muitas vezes se torna um obstáculo à presença dos alunos, no caso crianças e adolescentes, cujas características personalógicas se chocam com a exigência de disciplina, rigidez e silêncio de uma biblioteca.

ABSTRACT: The silence in school libraries often becomes an obstacle to the presence of students, children and adolescents whose personalogical characteristics clash with the demand for discipline, strictness and silence in a library.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca escolar

KEY-WORDS: School Library

1 INTRODUÇÃO

O questionamento proposto neste trabalho baseia-se na constatação de que pouca ou nenhuma atração a biblioteca escolar exerce em seus usuários. Mas são muitas as variáveis que determinam essa situação, e analisá-las envolveria pretensões que escapam aos limites de abrangência do estudo.

Optou-se, então, pelo enfoque do estereótipo comum nos meios de comunicação, que traduz a atmosfera que envolve o adolescente e a biblioteca escolar. Ambos serão analisados separadamente, em primeiro plano, e, numa segunda etapa, estabelecidos os pontos para onde convergem as características comuns.

O estereótipo comum é a figura de uma bibliotecária (jamais bibliotecário) exigindo, antes de mais nada, silêncio absoluto na biblioteca, constituindo-se este na própria característica da instituição. Isso é veiculado através de propagandas comerciais em televisão, cartazes, filmes etc., e, até mesmo, em revistas infantis, que atingem diretamente o usuário em potencial, ou seja, a criança e o adolescente.

* Inicialmente apresentação na disciplina de Metodologia da Pesquisa, sob orientação da Prof.^a Ana Maria Dalla Zen.

** Aluna do 6.^o semestre do Curso de Biblioteconomia da UFRGS.

2 O ADOLESCENTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Determinadas características traçam o perfil do usuário da biblioteca escolar, envolvendo as fases da pré-adolescência e adolescência média que, para FERREIRA (4, p. 22) se situam em torno dos 11 a 16 anos.

“Erik Erikson afirma ser a adolescência um período de moratória psicossocial, durante o qual o indivíduo, através do desempenho de diversos papéis, pode achar o seu lugar na sociedade. Neste momento, adquire-se o firme sentimento de identidade social, em que se unirá o que era quando criança com o que será, reconciliando o conceito de si mesmo com a imagem que tem de sua comunidade (4, p. 103)”.

Seria o choque de gerações e seus antagonismos, uma decorrência dessa busca de identidade enfatizada por Erikson? Na adolescência, em altos e baixos, o vigor da crítica se alterna com a muda indiferença, ambos perturbando uma sociedade que parece nada mais esperar que o meio termo da acomodação.

A esse respeito, cita-se BEKER (2, p. 93), ao afirmar que:

“Nossa cultura nunca permitiu, a não ser recentemente e a muito custo, o confronto de forças opostas, a contestação criativa... A adolescência sempre foi muito reprimida. A regra era a identificação com a tradição, a reprodução exata da vida dos pais, o ‘bom comportamento’. Quando o conflito era incontrolável, ele ocorria num clima de culpa que impedia o seu aproveitamento”.

Assim, a sociedade, personificada pela placa ou gesto de *silêncio*, exige desse usuário, deslocado, desinteressado e ausente, que leia. Mas só leia.

3 A REALIDADE DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PAÍS

Pouco se sabe sobre a realidade da biblioteca escolar no País. Para FONSECA (5, p. 4), “... as bibliotecas escolares deixam de ser estudadas no Brasil porque não existem e, por não existirem, cai sobre elas o silêncio”.

Segundo o autor, os congressos nacionais da área de Biblioteconomia deixaram de se preocupar, por mais de dez edições, com a biblioteca escolar como tema principal. E, indo além, ANTUNES (1) mostra que nada consta sobre isso nem mesmo no III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos que, em 1980, definiu a política educacional do governo para o período 1980-84.

Para ANTUNES (1), não se pode dizer que exista um sistema nacional de bibliotecas escolares. Em sua análise da sinopse do ensino de 1º grau do ano de 1984, o autor indicou que, para 161.858 estabelecimentos de ensino regular, havia tão somente 18.517 bibliotecas escolares. Mas o constrangimento se torna ainda maior ao se verificar que a fonte não especifica os itens considerados. Isso significa dizer que, qualquer quantidade de livros reunidos numa determinada dependência de uma escola, pode ser considerado, para efeitos de estatística, uma biblioteca escolar.

Porém, apesar disso, a bibliografia oferece um modelo ideal do que seria a biblioteca escolar. ANTUNES cita o Modelo Flexível, proposto pela Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas, onde, além de condições físicas e materiais próprias, a biblioteca escolar é um local que:

“... oferece um ambiente estimulante e acolhedor, ambiente que a criança geralmente não dispõe no lar ou na sala de aula. Oferece a possibi-

lidade de diversificar o espaço para o desenvolvimento de diferentes atividades. A biblioteca escolar é desescolarizada: ir à biblioteca significa, para a criança, em primeiro lugar mudar de espaço, de atividade, e, em segundo, a possibilidade de desenvolver-se sem a pressão das exigências da sala de aula". (1, p. 47)

Portanto, livre do estigma de avaliação que a sala de aula carrega, a biblioteca escolar, mais do que qualquer outra, deveria ter por meta principal o seu usuário, e não o seu acervo, assim como o bibliotecário deveria gostar mais do leitor do que do livro. É em decorrência da primeira imagem e de todas as suas possíveis implicações, que a criança ou o adolescente vai usufruir, ou não, como adultos, a biblioteca de amanhã.

MILANESI diz que a biblioteca "... é um esforço de crescimento coletivo, é a ação que leva a repensar a informação. A Biblioteca só atinge plenamente a sua função quando, além de propiciar a leitura, garante a seu público o ato de dizer e escrever". (6, p. 107)

Ainda que generalizada, esta definição abrange e reflete uma nova filosofia para a biblioteca escolar brasileira. Quando ela deixar de ser uma exceção, naturalmente.

4 BIBLIOTECA ESCOLAR x USUÁRIO

Para FONSECA (5), a biblioteca escolar brasileira não é estudada porque não existe. Já ANTUNES (1) é parcialmente contrário a essa tese, propondo um estudo aprofundado e determinante das causas e alternativas para modificar a realidade.

Fica, então, evidente que a proposta contida no presente trabalho situa-se num plano de exceção. Havendo a biblioteca escolar, ainda assim ela não é usufruída devidamente.

Seria uma questão de imagem?

Segundo CARVALHO

"... a biblioteca para a criança corre o risco de ser um lugar triste e sem fantasia, onde até mesmo os livros de gravuras coloridas parecem pouco convidativos, guardados sob a proteção de um bibliotecário pouco tolerante. E cita Hess ao afirmar que as bibliotecas seriam modelos da regularidade, docilidade e repressão da classe média, enquanto o adolescente representaria a imagem da impulsividade, falta de ordem e de respeito pela repressão do adulto". (3, p. 25)

Não são compatíveis a estrutura psicológica da criança/adolescente, extremamente ligada ao grupo na busca de sua identidade, e a estrutura silenciosa e rígida pretendida pela biblioteca escolar.

O autor propõe então:

"... que a criança e o adolescente passem a identificar a biblioteca como um lugar onde se consegue ajuda e onde se pode gozar momentos de lazer, ..., pois somente assim eles se sentirão confortáveis e relaxados no novo ambiente, ao invés de intimidados e desconfiados" (3, p. 25).

Logo, para o bibliotecário atuante em biblioteca escolar, se faz indispensável uma formação humanística e interdisciplinar basicamente ligada à Psicologia e à Pedagogia. E, para MORAES é urgente e necessária a inclusão de mais duas matérias:

“custos operacionais e bom senso” (7, p. 36). Apenas com a imagem de censor e técnico, dificilmente o profissional consegue uma aproximação com a geração *rebelde sem causa*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois pontos se revelaram claros no transcórre deste trabalho.

Em primeiro lugar, o regime de exceção em que existe a biblioteca escolar. Os números são expressivos em apontar a sua ausência e só adquirem alguma consistência nas capitais de estado e na rede privada de ensino.

Em segundo lugar, ficou flagrante a urgente necessidade de que se tomem medidas que visem atrair a criança/adolescente para a biblioteca. Para isso, é importante que se tenha em mente a realidade brasileira, uma vez que o usuário apresenta características de personalidade bem mais extrovertidas que o usuário europeu ou norte-americano. Em decorrência desse fato, por que não se adotar uma inversão de valores no espaço físico da biblioteca escolar, onde uma sala isolada seria posta à disposição daqueles que necessitassem de silêncio? Por que não adotar uma hora do som? É evidente que qualquer medida dessa natureza envolve uma certa dose de coragem e criatividade que, de resto, condiz bem com a personalidade do usuário da biblioteca escolar.

Este envolvimento expressa uma preocupação maior, já que é provavelmente nas mãos, e com as impressões deste atual adolescente, que estarão o destino e o compasso da biblioteca escolar no século XXI.

6 BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 ANTUNES, Walda de Andrade. *Acesso e Uso da Informação pelo Professor, da 4.ª Série do Primeiro Grau na Rede Municipal de Ensino de Uruguaiana, RS: um estudo de caso*. Brasília, 1987. 132p. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Estudos Sociais e aplicados da UnB.
- 2 BECKER, Daniel. *O que é Adolescência*. São Paulo, Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos, 159. 97p.
- 3 CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de Usuário em Bibliotecas Escolares: considerações gerais. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, 9(1): 22-9, jan./jun., 1981.
- 4 FERREIRA, Berta Weil. *Adolescência: teoria e pesquisa*. Porto Alegre, Sulina, 1978. 241p.
- 5 FOENCA, Edson Nery da. *A Biblioteca Escolar e a Crise da Educação*. São Paulo, Pioneira, 1983. 19p.
- 6 MILANESI, Luiz. *O que é Biblioteca*. São Paulo, Brasiliense, 1985. 109p.
- 7 MORAES, Rubens Borba. *O Problema das Bibliotecas Brasileiras*. 2. ed. Brasília, ABDF, 1983.
- 8 TODO Silêncio é Pouco. *Margarida*, São Paulo, (23): 16-23, maio 1987.